

Helen Epstein. 2007. *The Invisible Cure: Africa, The West, and the Fight Against AIDS*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux. 352pp. ISBN-13: 9780374281526

A ideia de viajar para o Uganda e trabalhar numa vacina contra o HIV surgiu enquanto Helen Epstein, uma bióloga molecular americana, então a fazer uma pós-graduação sobre os órgãos sexuais de pequenos insectos, assistia a uma palestra de Kathelyn Steimer sobre uma vacina contra o HIV que estava a ter bons resultados. Epstein pensou em todas as pessoas que conhecia infectadas com o vírus da SIDA ou que tinham falecido com a doença e o quanto estes doentes poderiam beneficiar do seu trabalho como cientista. *The Invisible Cure: Africa, The West, and the Fight Against AIDS* descreve a perspectiva da autora como cientista e mulher ocidental, sobre a questão da SIDA em África em relação ao resto do mundo.

Ao longo do livro, dividido em quatro grandes partes – AIDS Research For Beginners, What happened in Southern Africa?, What happened in Uganda and Washington and Geneva?, 'The Front Lines' subdivididas em vários 15 capítulos, Helen Epstein coloca e tenta responder a várias questões relacionadas com a origem do HIV e as características da população africana, biológicas e culturais, que possam ter favorecido a epidemia da SIDA em determinados países africanos, entre eles o Uganda. Este livro é uma constante crítica à conjuntura política, social e cultural de alguns países da África setentrional, numa época em que todos os esforços se deveriam reunir na luta contra a epidemia do século.

Baseada em várias investigações científicas e antropológicas e na sua própria pesquisa, Helen Epstein fala-nos das diversas teorias que explicam a origem do HIV nos primatas selvagens. Segundo a autora, os caçadores que arranjavam a carne para comer teriam sido infectados durante o processo, através de cortes nas mãos ou outras lesões abertas. Ao voltarem para casa, ainda numa fase recente da infecção, o vírus era transmitido para as suas esposas ou outras mulheres e destas para outros homens. A partir daqui, passando de hospedeiro para hospedeiro, Epstein acredita que o vírus possa ter sofrido mutações até obter a forma como o conhecemos hoje. Com o desenvolvimento mineiro, muitos homens ausentavam-se durante longos períodos de tempo das suas aldeias para trabalharem nas minas próximas das cidades, num esforço para combater a pobreza

em que viviam. Nessas cidades, estes trabalhadores tinham acesso fácil à prostituição e, muitas vezes, estabeleciam relações mais ou menos estáveis com outras mulheres que duravam o período de trabalho. Por outro lado, nas aldeias, as mulheres que aguardavam tanto tempo pelo marido, por razões financeiras ou não, também elas estabeleciam relações com outros homens. O HIV era assim transportado de forma invisível, das aldeias para a cidade e vice-versa.

As relações extra-conjugais e o sexo ocasional são uma constante nestas sociedades e a autora entrevistou homens e mulheres seropositivos para compreender onde é que ficam o sentimento e as emoções neste tão particular 'sistema sexual de concorrência' onde a SIDA é uma presença constante. Epstein fala-nos particularmente do caso da África do Sul, onde a taxa de violação é bastante elevada, enfatizando o poder do homem sobre a mulher, a notória discriminação pelo sexo e as relações estabelecidas sobretudo por motivações financeiras.

A SIDA deixou muitas viúvas e muitos órfãos. Apesar dos esforços dos maridos em vida para garantirem a sua subsistência, os fundos poupados e investidos ao longo de anos de trabalho árduo nas minas, por razões incompreensíveis, nunca chegaram às mãos dos seus herdeiros e as mulheres, pobres e sem alternativas, tinham como única opção a prostituição. Estas mulheres tornam-se muito vulneráveis à violência por parte de outros homens e à infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, para além de se tornarem um importante meio de transmissão da doença de cliente para cliente. Os filhos, esses, eram obrigados a deixar a escola precocemente e procurar empregos em situação de desespero.

A questão da tão rápida propagação do HIV no Uganda e outros países do sul de África continuava a intrigar a autora. A partir da numerosa investigação científica que conhecia e da sua própria pesquisa, nada podia, no entanto, explicar esta epidemia e muito menos fazê-la parar. A própria pesquisa desenvolvida por Epstein era dedicada ao sub-tipo B do HIV, o mais comum na Europa e Estados Unidos, mas um dos menos frequentes nos países sul africanos, entre eles o Uganda.

Ao longo dos anos e dos numerosos trabalhos de investigação e campanhas de luta contra a SIDA, surgiram drogas ou 'cocktails de medicamentos' experimentais financiados pelos governos e por indústrias farmacêuticas. No entanto, tão depressa esta medicação era

distribuída gratuitamente à população seropositiva, como lhe era dificultado o acesso, dependendo da vontade dos líderes políticos. Na maioria dos casos, a única forma de os seropositivos terem acesso a medicação retro-viral ou apenas de combate à sintomatologia era através da inscrição em grupos experimentais como voluntários. Helen Epstein faz mesmo referência a um ensaio experimental de uma droga que, afinal, não era mais do que um herbicida e foi aplicada sem se pensar nas consequências que poderia ter para estas 'cobaías humanas'.

A distribuição de preservativos e as campanhas direccionadas exactamente para os grupos de risco (prostitutas, mineiros, camionistas, jovens com início precoce da sua vida sexual) também constituíam uma das armas, por excelência, na luta contra a disseminação do HIV, no entanto é difícil controlar as pessoas, colocar-lhes o preservativo ou proibi-las de terem relações sexuais. Por mais informação que as populações tenham sobre a doença, são séculos de uma cultura sexual difícil de controlar e as novas gerações têm, além de tudo, como modelo as vidas de fausto e paixão das estrelas de cinema e televisão.

O grande conhecimento que a população ugandesa apresentava sobre SIDA e o à vontade com que falavam sobre a doença contrastava com a negação e o silêncio de outros povos, como os moçambicanos, igualmente bastante afectados pela doença e isso espantou a cientista, que, ao longo do livro, vai enfatizando o valor e a importância das actividades da própria população na luta contra a doença. Quem melhor que a própria população para conhecer os seus próprios hábitos e costumes?

A única maneira produtiva de compreender a epidemia da SIDA em África, e os altos e baixos nas taxas de infecção pelo HIV, é através das histórias de pessoas como as que são contadas neste livro. Homens, mulheres e crianças que, de uma forma ou de outra, estão inseridas numa teia de imposições culturais, económicas e de género que as tornam mais ou menos vulneráveis à epidemia. Para Helen Epstein, a SIDA é tanto um problema social, como médico. O vírus da imunodeficiência, como se conhece hoje, é relativamente recente e a sua rápida propagação deve-se sobretudo a padrões de comportamentos sexuais historicamente enraizados na cultura africana, que, ao longo dos anos, devido à colonização, às constantes guerras, sofreu um subdesenvolvimento económico e cultural que, por sua vez,

agravou as diferenças de poder entre homens e mulheres.

A descoberta científica da cura para a SIDA está ainda longe do nosso alcance e a medicina pode apenas ajudar no atraso do aparecimento dos primeiros sintomas da doença ou no controlo dos mesmos. Consequentemente, a grande arma será mesmo a prevenção e isso verificou-se no declínio da taxa de infectados no Uganda que, entre 1992 e 2002, desceu cerca de dois terços. Na opinião de Helen Epstein, a chave do sucesso não está apenas nos milhões de dólares de ajuda ocidental para o combate à doença, mas numa eficácia colectiva de ajuda mútua de pessoa para pessoa, falando abertamente sobre este problema.

Rita Faro

*Meistrado em Sociopsicologia da Saúde,
ISMT*

Maria F. Alexandre. 2007. *Mudanças Psíquicas no Processo Terapêutico: O Papel do Narcisismo*. Lisboa: Fenda Edições. 156 pp. ISBN: 978-989-603-029-2

Encontramo-nos diante de uma obra que, exemplarmente, nos propõe uma vasta reflexão acerca de um corpo teórico, tão complexo e rico como o psicanalítico, e a operacionalização deste no campo da prática clínica. Tomando como eixo condutor a temática das mudanças psíquicas no contexto da intervenção terapêutica, a autora reflecte sobre como esta mudança é passível de se expressar e processar nalgumas patologias da mente. Aqui, o papel do narcisismo assume, nesta tarefa compreensiva, um protagonismo essencial. Neste sentido, são desenvolvidos 9 capítulos, cuja sistematização dos conteúdos teórico-clínicos conduzem a uma leitura fluente e clarificadora.

Acompanhamos a autora neste desafio tão nobre da psicanálise que é o da capacidade de interrogar o outro, em concomitância com a aceitação da interrogação de si mesmo. Desta forma, é, então, proporcionada uma reflexão primeira sobre a evolução do conceito de mudança psíquica, ao longo do desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Qual metáfora do crescimento da mente, a mudança é trabalhada e pensada no sentido da explicitação de